

## Sentido da Vida em Perspectiva Interdisciplinar: uma Pedagogia para a Descoberta do Sentido da Vida

Jair Militão da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta uma reflexão sobre o sentido da vida como elemento constitutivo da vida humana feliz. Mostra a dificuldade atual de encontro de significados marcantes para a vida das pessoas tendo em vista a alienação e desumanização presente nas relações sociais. Propõe alguns elementos para uma *pedagogia da descoberta do sentido da vida*, entre os quais a constituição de sujeitos humanos que vivam a vida como acontecimento e aprendam a responder, comunitariamente, às demandas postas cotidianamente pela vida.

**Palavras-Chave:** educação; sentido da vida; pedagogia da humanização; sujeitos; responsabilidade.

**Abstract:** This article discusses the meaning of life as an element of a happy human life. In our age, dehumanization and alienation in social relations make difficult to find relevant meanings for life. This article proposes a “Pedagogy of finding meaning of life” in which an element is the constitution of human subjects living life as happening: answering communitarianly to the demands of everyday life.

**Key words:** education; meaning of life; pedagogy of humanization; subject; responsibility.

### Informação e conhecimento

Um fenômeno que, sem dúvida, caracteriza os dias de hoje é o grande volume de informação disponível à maioria das pessoas, de modo especial àquelas que podem ter acesso às redes mundiais de computadores. De fato, a expressão tão comum entre os jovens “jogar no google” simboliza a fonte quase inesgotável de informações à qual se pode dirigir quem busca resposta para alguma pergunta.

Todavia, nem toda informação é conhecimento se por este considerarmos aquela informação referendada por uma comunidade de conhecimento com reconhecida validade. Exemplo disso podem ser as famosas e comuns receitas para emagrecimento: estão à disposição para quem quiser informar-se; entretanto, quais as que podem ser aceitas com credibilidade e que sejam efetivamente adequadas para cada pessoa considerada em sua peculiaridade? Apenas aquelas oriundas da comunidade médica, cuja chancela seja feita por nutricionistas, endocrinologistas, ou outros profissionais da área. Desse modo é possível dizer que hoje há mais informação do que conhecimento.

### Conhecimento especializado e perda da totalidade

Ao examinarmos a situação do conhecimento efetivamente validado por comunidades de conhecimento um outro aspecto merece ser destacado: é a especialização que aprofunda aspectos de um dado objeto de modo tão intenso que se corre o risco da perda da dimensão da totalidade desse mesmo objeto.

Ainda valendo-se de exemplo retirado da área da saúde podemos constatar a ocorrência de abordagens especializadas em “mãos”, que não conseguem dar conta do “estômago”, por vezes agredido pelos analgésicos.

---

1. Professor Associado da FEUSP – aposentado. Professor no Programa de Mestrado da UNICID. Pesquisa, publica, orienta e ensina na área de Políticas Públicas da Educação; Gestão de Empreendimentos Educacionais; Educação Comunitária.

Frankl, autor de uma profunda reflexão sobre o homem, afirma:

Las definiciones con las cuales las ciencias, individualmente, han descripto la realidad, se han vuelto tan disparatadas, tan diferentes unas de otras, que es cada vez más difícil obtener una fusión o síntesis de todas ellas. La diferencia entre definiciones no debe constituir una pérdida, sino más bien una ganancia en el conocimiento. En el caso de la visión estereoscópica, es la gran diferencia entre el lado derecho y el lado izquierdo de una imagen la que asegura la adquisición de una dimensión de conjunto, esto es, el espacio tridimensional por sobre las dos dimensiones del plano. Y, sin duda, existe una precondition para ella. Las retinas deben ser capaces de arribar a la fusión de las diferencias! Aquello que ocurre con la visión ocurre con la cognición. El desafío es cómo lograr, cómo mantener y cómo restaurar un concepto unificado de hombre ante tantos datos, hechos e descubrimientos dispersos, aportados por una fragmentada ciencia del hombre. Pero no podemos hacer retroceder la historia. La sociedad no puede funcionar sin especialistas. El estilo de investigación está demasiado caracterizado por el trabajo en equipo, y en la estructura del trabajo en equipo, el especialista es indispensable. (Frankl, 2005, p.25-26)

Diante dessa lógica na qual um aprofundamento em um dado aspecto tem levado à perda da totalidade, ocorrem movimentos contínuos de busca de recuperação dessa mesma totalidade. A história registra movimentos mundiais de unificação da ciência, especializada e compartimentalizada, em nome do desejo de percepção do todo em cada objeto.

Assim, aparecem propostas identificadas como inter, trans, multi, disciplinares que sustentam a possibilidade e a necessidade de unificação do conhecimento. No caso da interdisciplinaridade, no campo educacional Fazenda registra que:

O movimento da interdisciplinaridade modela-se por meio do entendimento mais profundo do sentido do humano, ou melhor, das atitudes que o homem tem diante do ato de conhecer. Nestas quatro décadas, a interdisciplinaridade acaba consolidada como teoria gestada em diferentes centros de referência muito importantes, todos ligados à Unesco, tais como: Canadá (Cripfe – Centro de Pesquisa e Investigação em Interdisciplinaridade na Educação); Estados Unidos (IAD – Centro de Estudos Interdisciplinares na Aprendizagem); França (Cirid – Centro de Estudos sobre Interdisciplinaridade nas Ciências Humanas) e no Brasil (Gepi – Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade) (...) Nele foram produzidas mais de 50 pesquisas, todas descrevendo e analisando práticas interdisciplinares bem-sucedidas do pré-escolar ao superior. (Fazenda, 2003, p. 9)

Como um dos resultados das contínuas pesquisas sobre o conhecimento pode ser indicado aquele que constata o fato de que o desejo de alcançar a totalidade e, desse modo, atingir a visão de todo o objeto não é contemplada mediante a somatória

das diversas contribuições das áreas de conhecimento. Antes, é o sentido que o sujeito do conhecimento descobre no objeto que unifica seu conhecimento sobre este.

Portanto, o sentido é que permite atingir o máximo de conhecimento possível.

É ainda, Fazenda quem diz: “Interdisciplinaridade é uma nova atitude ante a questão do conhecimento [...]. A metáfora que a subsidia, determina e auxilia na sua efetivação é a do olhar.” (Fazenda, 2003, p. 9).

Em uma visão mais atenta ao fenômeno do conhecer, é possível perceber que o sujeito só pode captar... aquilo que pode captar e, desse modo, a totalidade que abarca tem a dimensão do sentido que atribui e descobre na relação com o objeto. Em outras palavras, conhecer o objeto é responder à pergunta *o que é este objeto para mim?* A resposta unificará a relação de conhecimento.

A atenção para uma visão mais ampla possível pode tornar-se um princípio orientador na procura do conhecimento e no desenvolvimento de ações efetivas na sociedade. Isso pode ser constatado na importante Carta Encíclica sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade oferecida por Bento XVI:

O saber humano é insuficiente e as conclusões das ciências não poderão sozinhas indicar o caminho para o desenvolvimento integral do homem. Sempre é preciso lançar-se mais além: exige-o a caridade na verdade. Todavia ir mais além nunca significa prescindir das conclusões da razão, nem contradizer os seus resultados. Não aparece a inteligência e depois o amor: há *o amor rico de inteligência e a inteligência cheia de amor*. Isso significa que as ponderações morais e a pesquisa científica devem crescer juntas e que a caridade as deve animar num todo interdisciplinar harmônico, feito de unidade e distinção. A doutrina social da Igreja, que tem “*uma importante dimensão interdisciplinar*”, pode desempenhar, nesta perspectiva, uma função de extraordinária eficácia. Ela permite à fé, à teologia, à metafísica e às ciências encontrarem o próprio lugar no âmbito de uma colaboração ao serviço do homem; [...] A excessiva fragmentação do saber, o isolamento das ciências humanas relativamente à metafísica, as dificuldades no diálogo entre as ciências e a teologia danificam não só avanço do saber, mas também o desenvolvimento dos povos, porque, quando isso se verifica, fica obstaculizada a visão do bem completo do homem nas várias dimensões que o caracterizam. É indispensável o “alargamento do nosso conceito de razão e do uso da mesma” para conseguir sopesar adequadamente todos os termos da questão do desenvolvimento e da solução dos problemas socioeconômicos. (Bento XVI, 2009, p.50-52)

### **Perguntar-se sobre o sentido da vida**

E quando é a própria vida do sujeito e de seus semelhantes o objeto a ser conhecido? Aqui também o caminho é perguntar-se sobre o sentido. Por isso encontrar o sentido da vida é de suma importância para a compreensão da própria vida e a dos semelhantes. A observação atenta sobre o ser humano, sobre nós mesmos, pode indicar algumas características que nos ajudam a compreender como somos.

Uma primeira constatação é a de que temos em nós um desejo de conhecer a realidade, de compreendê-la, de tê-la conosco, de entrarmos em comunhão com ela, de sermos capazes de criar unidade e viver desse modo com a realidade e, por isso, procuramos mudar as situações em que nos encontramos, adaptando-as aos nossos desejos.

O desejo de perfeição, de tornar o real adequado à imagem perfeita que dele fazemos é outra característica constitutiva do ser humano. É o desejo de encontrar no mundo fático o conceito perfeito existente no pensamento.

Em contrapartida, ou melhor, em consonância com o desejo de perfeição possuímos o medo e fugimos da corrupção, entendida como o rompimento da perfeição. E como a morte do ser é a corrupção máxima desejamos evitá-la aspirando à eternidade.

Corrupção também é falta de sentido nos relacionamentos consigo mesmo, com os outros e com a natureza e por isso sempre procuramos o sentido último, a razão das coisas, incluído nessas “coisas” nosso agir, nosso sentir, nosso pensar. Temos que sempre ter uma razão que justifique nosso ser e nosso agir e isto é o sentido que atribuímos à existência e à ação.

Este desejo de perfeição e a conseqüente fuga da corrupção do ser podem ser expressos na afirmação comum entre os antropólogos de que “o que é uno não causa nojo”. De fato, o sentimento de nojo nos impele ao afastamento enquanto o sentimento de unidade nos aproxima dos entes e das situações. Sentir-se uno é reconhecer características que nos tornam passíveis de comunhão sem a existência de fatores de repelência.

A serem verdadeiras as afirmações anteriores sobre quem somos enquanto seres humanos, é possível dizer que temos a unidade como princípio de ação e critério de verdade do ser. O ser verdadeiro é aquele que não está corrompido e que se encontra em unidade consigo e com o ambiente no qual se situe. A ação verdadeira é aquela que não está dividida em seu significado último, ainda que na prática não alcance a totalidade almejada.

O sentido é descoberto ou construído quando meu relacionamento com a vida ultrapassa a consideração dessa como mero fato e chega a vê-la como acontecimento. Um acontecimento é uma situação à qual devo responder, pois afeta a minha vida.

É o equivalente a problema que se opõe à questão, na proposta da educação problematizadora apresentada pelo educador brasileiro Paulo Freire. Nesse entendimento, questão é uma dificuldade diante da qual me encontro e que se não a resolver minha vida não será afetada em nada; problema é, igualmente, uma dificuldade diante da qual me encontro e que se não a resolver minha vida será alterada significativamente e poderei até chegar à morte. Daí a tentativa de Paulo Freire em propor uma educação problematizadora e não meramente questionadora, ou seja, uma educação que desafiasse o educando para a busca de um significado e não apenas uma tarefa sem maiores conseqüências para sua vida.

O problema e o acontecimento pedem uma resposta pessoal de quem os vive. Esta resposta é dada pela existência da liberdade humana e pela capacidade de ser responsável. Esta responsabilidade se põe em movimento a partir da descoberta do sentido da vida. Frankl lembra que o homem pode não ter autonomia para escolher as circunstâncias de sua vida, mas é sempre livre para responder a elas. Esta resposta depende e expressa o sentido que este homem atribui à vida.

Educar para a descoberta de sentido e para ações responsáveis significa educar para ser pessoa, sujeito de sua própria vida.

Uma forma simples de compreender o que é ser sujeito é considerar um sujeito como aquele ou aquela que é capaz de dizer sim ou não, em correspondência com seu pensamento, mesmo em situações adversas. Em outras palavras, é alguém que vê a vida como acontecimento, descobre um sentido nas demandas postas e nas respostas concebidas e compromete-se com a solução dos problemas.

A capacidade de ser sujeito e descobrir o sentido da vida é adquirida, mantida e cultivada em um ambiente humano que favoreça relações de aceitação incondicional da pessoa por causa de sua dignidade, com práticas de diálogo na verdade e no amor, entendido como a busca do bem do outro.

Há uma lógica que pode favorecer a criação desses ambientes humanos em nível micro, intermediários ou macros e que podem orientar desde a formulação de políticas públicas sociais até práticas pedagógicas em sala de aula: é o respeito à dignidade inalienável de cada pessoa; é a assunção do diálogo como método de relacionamento; é a consideração da vida como acontecimento que pede respostas orientadas pelo sentido da busca da felicidade pessoal e coletiva.

Sob o influxo dessa lógica os planejadores sociais, os operadores das agências sócio-educativas, poderão dar margem à criatividade responsável e proporem alternativas às ações alienantes e desumanizadoras que tiram qualquer sentido mais digno de uma vida humana.

Assumir como fator relevante na criação, manutenção ou modificação da realidade o sujeito humano não é esquecer a força das estruturas macro sociais e econômicas; é antes dar-se conta da totalidade dos fatores presentes na situação humana e lembrar que a história é feita pelos homens, quando deixam de ser vistos e tratados como meras coisas.

Todavia, para formar sujeitos é preciso que os educadores também sejam sujeitos, tenham experimentado a vida como acontecimento e vejam como horizonte um trabalho de auto-educação.

Há um desafio posto a todos nós: descobriremos o sentido da vida para partilhá-lo com as novas gerações. Um fato com o qual se depara todo aquele que se relaciona com crianças e jovens, seja na qualidade de mãe, pai, tio, tia, educador profissional, é o da necessidade de responder, em algum momento, perguntas sobre o sentido da vida.

A finalidade da educação, para ser adequada à natureza humana, deve buscar a verdade em suas dimensões ética, estética, gnosiológica, lógica e ôntica. O belo, o bom, o verdadeiro são objetos da busca humana de perfeição e condensam-se no Supremo Bem que orienta a conduta de cada um. Se esse Supremo Bem é adequado à natureza humana pode contribuir para que o pleno desenvolvimento dela aconteça; caso, ao contrário, esse Supremo Bem esteja aquém das imensas potencialidades humanas, podemos dizer que contribuirá para a desumanização da pessoa, reduzindo-a a dimensões menores do que aquelas a que poderia chegar. Portanto, ao educador compete ajudar o educando a perceber em que deposita suas energias, que objetivos elege para buscar a vida. São dignos de sua pessoa? Ajudam a conseguir felicidade autêntica?

Novamente aqui um critério pode ajudar: estes objetivos contribuem ou não para a inteireza do ser, para a vida em unidade consigo mesmo, com os demais seres humanos e com o ambiente natural no qual se insira? Em caso afirmativo, podem ser fortes contribuintes para a obtenção da felicidade; todavia, em caso negativo, como registra a história humana, produzem mais sofrimento desnecessário do que alegria.

A constituição do ser humano mostra como está ordenado para uma harmônica proteção da vida e dessa harmonia resulta bem estar e felicidade. Esta

harmonia só pode, pelas leis naturais, ser posta em risco em função de um bem maior, ou seja, de um acréscimo de felicidade. Veja-se o caso das ordenações celulares que se reproduzem conforme regras que visam garantir a sobrevivência da pessoa. Estas “certezas” só são deixadas de lado por uma possibilidade de um bem maior, como é o caso da reprodução humana, onde uma célula “arrisca-se” unir-se a outra “desconhecida” por causa da possibilidade do surgimento de um novo ser.

O educador interessado em promover uma educação fundada na visão de homem que valoriza a unidade como critério de conhecimento e ação precisa ter alguns elementos balizadores da caminhada.

Um dos primeiros marcos a ser observado é a busca da globalidade como critério de pensamento, entendendo-se aqui como a procura de levar-se em conta a totalidade dos fatores presentes na situação. A honestidade intelectual não permitirá “jogar para baixo do tapete” fator ou fatores que estando presente na realidade “incomodam” e passam despercebidos propositadamente. Um dos fatores mais esquecidos, geralmente, é o fato das ações humanas e do próprio ser humano estarem cheios de falibilidade, fraqueza e possibilidades de enganos e erros. A grandeza do ser humano não reside em não errar, mas, antes, em reconhecer o erro e procurar corrigi-lo. Portanto, uma educação para a felicidade é aquela que não busca criar homens infalíveis, mas sim com humildade verdadeira.

Outro sinal importante a ser levado em conta é a unidade de destino dos seres humanos. Nascemos todos da mesma maneira, em essência, e estamos todos destinados ao mesmo fim, em essência. Esta comum origem e este comum destino podem ser objetos de exame e daí resultar uma compreensão profunda do que sejam e, desse modo, serem percebidos como algo bom que traz em si possibilidades de felicidade

De modo especial, ao pensar o destino humano como algo que aparenta ter fim, o desejo de superar a corrupção do ser, de preservar a perfeição da pessoa, lembra a possibilidade da transcendência e da superação da morte ontológica como horizonte constitutivo.

Para além da morte física perdurará o ser, esta é a esperança inscrita no DNA humano. E tanto isto é verdade que no cotidiano procuramos superar as “mortes” diárias, ônticas, de nosso ser: ao não sermos levados em conta pelos que nos são mais próximos na família, na escola, no trabalho, nas amizades. Nos momentos em que sentimos que o tempo “está passando muito depressa”; quando nos falta o significado do viver. Queremos superar estas situações porque queremos viver; queremos superar a corrupção de nosso ser mediante a conquista da unidade da pessoa consigo mesma, com os outros e com o ambiente.

Que possamos descobrir que a vida tem um sentido bom, de felicidade para todos e, desse modo, tenhamos algo bom para comunicarmos a nós próprios e às crianças e jovens que constantemente chegam ao mundo.

## **Referências bibliográficas**

- Bento XVI. **Carta Encíclica Caritas in Veritate**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- Fazenda, I.C.A. *Interdisciplinaridade para além da palavra...*, in Meneses, JGC e Batista, SHSS (orgs.). **Revisitando a prática docente: Interdisciplinaridade, Políticas Públicas e Formação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- Frankl, V.E. **Fundamentos y aplicaciones de la Logoterapia**. Buenos Aires: San Pablo, 2005.

Recebido para publicação em 16-09-10; aceito em 11-10-10.